

26 FEV 1988

Confronto

Centrão perde votações e começa a criticar o Congresso constituinte

Lúlia Marques



O deputado Ricardo Fiuza (PFL-PE), um dos líderes do Centrão

Da Sucursal de Brasília

Os principais líderes do Centrão fizeram ontem duras críticas às definições do plenário do Congresso constituinte sobre os temas trabalhistas. Ao mesmo tempo, admitiram que o grupo está desarticulado, sofrendo seguidas derrotas nas últimas votações do Congresso constituinte. "O Centrão está doente", afirmou o secretário-geral informal do grupo, deputado Basílio Vilani (PMDB-PR). "Estamos aprovando um texto irreal e inflacionário", acrescentou o deputado Ricardo Fiuza (PFL-PE).

O grupo deu ontem claros sinais de que enfrenta sua pior crise interna desde que foi formado, no ano passado, para alterar o regimento interno do Congresso constituinte. O Centrão não conseguiu derrotar uma emenda do deputado Geraldo Alckmin (PMDB-SP), que garante aos trabalhadores rurais o direito de reclamar direitos referentes a todo o período de atividade e não apenas nos cinco últimos anos. O texto de Alckmin que repete o atual Estatuto da Terra era combatido pelo grupo.

Diante do resultado contrário — 333 votos a favor da emenda e 115 contra — os líderes do Centrão tiveram reações irritadas. "Já que é para ser assim, vamos estatizar os bancos", disse o deputado Luiz Eduardo Magalhães (PFL-BA), com dois objetivos: criticar as teses "esquerdistas" e atingir o deputado Ronaldo César Coelho (PMDB-RJ), um parlamentar banqueiro que tem votado contra o Centrão.

"O Centrão enquanto grupo parlamentar está extinto", declarou um de seus principais adversários, o deputado José Genoino (PT-SP). "A maioria na Constituinte hoje, está nas mãos de Ulysses Guimarães, que tem parte do Centrão e parte do PMDB", acrescentou. O resultado

da votação da emenda Alckmin confirma esta tese: o "miolo", como diz o senador Mário Covas, líder do PMDB, atinge os 280 votos necessários para aprovar propostas, enquanto a esquerda e os "duros" do Centrão ficam com aproximadamente 120 membros cada. Dependendo do assunto, o "miolo" pende para um lado ou outro.

Os coordenadores do grupo estão tentando recompor o Centrão. Com este objetivo, Fiuza convocou para ontem à noite uma reunião da cúpula. A preocupação é encontrar uma fórmula para evitar que o "miolo" dos parlamentares mantenha-se à esquerda, como fez nas questões trabalhistas de forma geral. Essa inquietação com a correlação de forças políticas no Congresso levou Fiuza a se reunir, na última segunda-feira, com o presidente Sarney.

Apesar da "fase de revezes" pelo qual passa o grupo, na definição dada pelo deputado Bonifácio de Andrada (PDS-MG), seus líderes acreditam numa reaglutinação. "Temos pela frente assuntos com forte poder de reaglutinação, como a ordem econômica", disse o deputado Roberto Cardoso Alves (PMDB-SP).

Os dirigentes do Centrão consideram "o processo nazifascista de intimidação promovido pela CUT", como diz Fiuza, como responsável pela desagregação interna do grupo. Para Luiz Eduardo Magalhães, existe um "patrulhamento assustador por parte da esquerda".

Os acordos firmados com a liderança do PMDB sobre temas trabalhistas contribuíram para o enfraquecimento do Centrão, afirmam seus coordenadores. "Concentramos as negociações nos temas principais e nos secundários acabamos deixando passar coisas irracionais contra o país", afirmou o deputado Eraldo Tinoco (PFL-BA).